



la foi
envisage
l'unité des femmes,
toujours menacée
et toujours
enveloppée
d'ombre,

comme un but
déjà acquis
par la croix
du Christ
mais ayant
besoin de
l'histoire
pour
atteindre son
épanouissement.

hiver

nature et esprit



BOLETIM

Internacional

ROMA

Março , 1969

Religiosas do Sagrado Coração de Maria

Trabalho Social - Lisboa 2

Comunidades Experimentais - recente noticiário
extraído do Boletim de Nova Iorque 6

Escola Gratuita - Barranquilla, Colômbia
por Sr. Annunciata Uribe-Holguin, RSCM 7

Os Nossos Irmãos - Orfanato no México
por Sr. Bernadette Underwood , RSCM 9

Escola Comunitária - noticiário de Portugal e
Moçambique 12

Trabalho Social

PROVINCIA PORTUGUESA

Bairro do Bacalhau

- Como começou
- Como se desenvolveu
- Trabalho de colaboração: Colégio
Pais
CASU
- O que já se fez
- O que se projecta fazer

Todo o trabalho verdadeiramente apostólico tem um alcance social. A actividade escolar completa-se na actividade social. Assim, o Colégio de Lisboa tem voltado cada vez mais a sua atenção para o problema social. Damos um pequeno relatório do que se tem feito e do que se projecta fazer.

Como começou: Todos os anos, pelo Natal, fazemos no Colégio uma campanha em benefício dos pobres. Roupas e géneros são distribuídos aos mais necessitados, entre os quais algumas famílias do Bairro do Bacalhau.

Não foi fácil este primeiro contacto. A Ir. Maria da Visitação, nas suas primeiras caminhadas pelo Bairro, mais do que uma vez foi apanhada por aquela gente. As Irmãs Maria da Visitação, Bernardette Maria, Gracinda, Ester, Georgina, Ana Arantes, Teresa Bock e outras, foram dando forma a este trabalho apostólico de promoção social. Tornou-se evidente a necessidade de uma acção social de conjunto.

Trabalho de colaboração com o CASU:

O Centro de Acção Social Universitário, cujo fim é desenvolver nos arredores a responsabilização pelos problemas sociais, tinha como objectivo imediato a solução dos diversos problemas levantados pelo Bairro. Deste encontro de finalidades resultou o trabalho de conjunto. O CASU pediu ao Colégio toda a colaboração possível. Foi há cinco anos. E o ritmo de trabalho vem aumentando progressivamente.

Muito foi o que se fez:

Muito se tem feito com a colaboração generosa das famílias das alunas. O produto da venda do Natal e da Festa dos Pais reverte sempre a favor do Bairro. Este ano, para dar mais realce à venda, organizámos uma tarde de fados. Esteve entre nós a artista Amália Rodrigues que actuou com muita simplicidade e com o brilho de sempre. As roupas e géneros que as alunas trazem pelo Natal vendem-se no Bairro, a preços reduzidos, desde \$50 a \$500. Isto para que se não sintam objecto dum amor paternalista ou duma compaixão que nada tem a ver com a verdadeira promoção humana. Por meio da venda do Natal e da Festa dos Pais foi possível, ao longo destes anos:

- manter um serviço diário de lanches para 120 crianças
- uma escola nocturna para adultos
- salas de estudo
- um centro catequético de 120 crianças
- Creche e Jardim Infantil para mais de 20 crianças (vê-se a possibilidade de admitir cerca de 60)
- ampliar as primitivas instalações da Creche e Barracão onde funcionavam as salas de estudo
- uma colónia de férias para 25 crianças
- criar uma pequena oficina onde estão empregados operários do próprio Bairro
- levar a Fátima, no ano cinquentenário, em duas peregrinações de seis camionetes, todos os membros de cada família

- um filme, no Natal, passado no Colégio, para os habitantes do mesmo Bairro
- um posto médico.

A par disto, a Comissão do Social está a tentar estruturar a sede da Quinta do Coxo. Já se fez o levantamento topográfico, no qual trabalharam Pais, Mães, Alunas e Religiosas. Um dos Pais e um aluno do Técnico levaram dias inteiros para conseguir o desenho das ruas, disposição das barracas, nomes para as ruas e zonas, numeração, inquéritos, etc. A Comissão esclarece também os empregados e os doentes quanto aos recursos e ajudas a que têm direito. Ajuda a resolver o problema do desemprego.

O campo de trabalho é imenso. As estudantes dão um pouco do seu tempo. A actuação das Religiosas é mais de ordem apostólica: catequese, formação de catequistas, visitas às famílias e resolução dos muitos problemas que se levantam. De ano para ano, o trabalho vai tomando forma e os frutos vão aparecendo. As mesmas alunas estão muito mais interessadas por estes problemas nos quais são inseridas gradualmente. A partir do 5.º ano, dão uma ou duas horas mensais de trabalho.

Entre os Pais que mais directamente estão ligados à Venda e ajuda no Bairro, surgiu o desejo de organizarem no Colégio uma Comissão Social. Foi realmente criada, sendo constituída por Mães responsáveis, Religiosas, Alunas delegadas, um empregado superior da Caixa de Previdência, uma Assistente Social e um aluno do Instituto Superior Técnico. Trabalha-se em dinâmica de grupos, procurando uma estruturação sólida e sobretudo uma sede de acção social, não só no Bairro do Bacalhau como na Quinta do Coxo. Desta Comissão se esperam princípios de acção para todo e qualquer trabalho que o Colégio empreenda. O seu objectivo é a santificação pessoal, a valorização das alunas e estimular nas Mães o interesse pela promoção

humana integral. Por enquanto, estamos a definir o espírito e as estruturas e a tentar a formação social dos membros da Comissão. Com este fim planeámos um Curso sobre a "Populorum Progressio" e outro sobre Serviço Social.

Muito o que se projecta fazer:

A Comissão tem em vista organizar um jornal que leve aos Pais e à população do Colégio uma notícia sobre o movimento no Bairro. Casos difíceis, para os quais a Comissão não encontra solução, serão afpostos. Entre os 900 Pais - chefes de empresas, engenheiros, arquitectos, medicos, diplomatas, advogados, etc. - é muito provável encontrar alguém que possa trazer a solução.

Foi ventilado o problema do abastecimento de água e da assistência médica aos empregados inscritos na Caixa de Previdência. O problema da habitação é mais premente. Lutamos contra a barraca miserável por um tipo de habitação humana mais digna e mais justa. A Comissão começou também a estudar a maneira de entrar em contacto com a Paróquia, e integrar nela estas famílias. As Religiosas têm um trabalho de animadoras.

Conclusão: Foi com imensa alegria e muita esperança que apresentámos esta visão de conjunto sobre a actividade social no Bairro do Bazalhau. Estamos longe de conseguir o que desejamos, o ideal nunca se esgota. É consolador, no entanto, ver já frutos desta árdua tarefa apostólica e social. O Senhor está conosco, e nós com Ele para tornar mais humanamente cristã esta parcela de Lisboa.

comunidades experimentais

Extraído do "Bulletin of the Province - RSHM New York"
Vol. II N.º 6, 19 de Fevereiro de 1969

No Suplemento do Boletim Internacional do Outono falava-se de "comunidades experimentais" em Nova Iorque e Califórnia. Depois disso, as comunidades das RSCM que residem fora dos Colégios e Universidades na Província de Nova Iorque reuniram-se no dia 5 de Janeiro de 1969. Damos as linhas gerais dos principais assuntos tratados, tal como vêm no Boletim da Província:

1. Há qualquer coisa de válido na nossa experiência? Muitas acham que a adopção do hábito contemporâneo, dum modo de vida mais próximo do comum das pessoas, etc., permitiu uma maior compreensão dessas mesmas pessoas. Outras encontraram que, removidas as dificuldades próprias das grandes comunidades, se encontravam mais livres para abordar questões mais profundas - Quais são os laços que nos unem? Qual é o sentido do nosso compromisso na fé enquanto comunidade? Qual é e deve ser a orientação da nossa missão apostólica? Outras ainda pensam que os pequenos grupos deparam com novos problemas (foi anotado que também as grandes comunidades se debatem com problemas de adaptação.)

2. Exerceram os grupos alguma influência nos bairros? Dois grupos acharam que a sua influência foi reduzida, enquanto que So. Bronx e Harlem se familiarizaram até certo ponto com as necessidades e a população das suas zonas. Foi opinião geral que a possibilidade de trabalhar numa área diferente daquela em que habitam permitiria um maior conhecimento do povo. Sugeriu-se que uma presença a tempo inteiro, nos bairros, seria benéfica.

3. Quais as possibilidades para uma avaliação de experiências?

Houve uma certa hesitação perante a ideia de que aspectos demasiado específicos, a utilidade dos questionários, o valor dos noticiários escritos recentemente enviados para o Boletim Internacional, e a validade da avaliação possam ser prematuros. Tratou-se também a possibilidade de avaliar cientificamente experiências que envolvam a população. Por outro lado, o grupo reconheceu que as suas experiências têm interesse e valor para a comunidade enquanto um todo. Foi analisada de novo a necessidade das comunicações e enfaticamente situada numa partilha de valores, tais como o sentido da esperança através da solidariedade.

4. Foi aprovada uma proposta para uma discussão em painel sobre experiências comunitárias, em Fevereiro, aberta a todas as interessadas da Província.

ESCOLA GRATUITA

(Barranquilla, Colômbia)

por Sister Annunciata Uribe-Holguin, RSCM, que chegou recentemente ao fim do seu tempo de serviço como directora da Escola.

Como chegou a hora de deixar a Escola, quis dar um apanhado da sua vida, do seu trabalho, dos seus resultados, do seu futuro. Depois de nove anos de existência, a Escola Gratuita da Madre Butler, de Barranquilla, Colômbia, está bem enraizada e florescente. O seu nono ano escolar começou a 16 de Setembro de 1968,

com um pouco mais de 200 crianças no 5º ano do ensino primário e 120 no 4º ano de Comércio e Secretariado. Os programas são aprovados pelo Governo e as alunas recebem, ao sair, o diploma oficial de Secretariado e Auxiliar de Contabilidade.

Algumas alunas da instrução primária nunca entrarão na Escola Secundária. Provindo de lugares muito distantes ou tendo sido obrigadas a atrasar a escolaridade por causa de problemas familiares ou de manifesta pobreza, começaram a estudar muito tarde e terão que arranjar um emprego apenas com o diploma do ensino primário. Algumas irão para uma Escola Técnica, para aprender ofícios e costura e depois começarão a trabalhar por sua conta. Outras, no fim da educação elementar, entram numa Escola Secundária não Comercial porque sentem inclinação para a Escola Normal. Há ainda outras que ficarão conosco durante os dois primeiros anos da Escola Secundária ou pedirão admissão numa Escola de Enfermagem. Isto explica que nos dois últimos anos da Escola Secundária as nossas classes sejam menos numerosas do que nos outros.

Lançando um olhar retrospectivo sobre as alunas que se formaram conosco, penso que podemos ter uma grande esperança para o futuro. Muitas delas estão a trabalhar e nos seus empregos são responsáveis, mantendo-se em contacto com a Alma Mater. As que conseguiram bolsa de estudos para a Escola Bilingue de Secretariado Colombo-americana obtiveram as maiores classificações das suas classes. Uma delas trabalha na secretaria de Marymount e outra brevemente ensinará na Escola e trabalhará na biblioteca. Este ano, as mais velhas e as mais novas fizeram um retiro de três dias e eu verifiquei que algumas se põem seriamente o problema de entrarem numa comunidade religiosa.

As notícias que vêm de Modesto, Califórnia, onde seis das nossas alunas frequentam uma Escola de Enfermagem, são excelentes. Adaptaram-se às casas que as receberam, e o seu trabalho é satisfatório. Sentem-se felizes, mas os seus olhares fixam-se no futuro esperando voltar a casa para trabalhar entre os seus e para eles.

OS NOSSOS IRMÃOZINHOS

PROVINCIA DA CALIFORNIA

por Sr. Bernadette Underwood

O Padre William Wasson nasceu em Arizona e foi ordenado sacerdote na diocese de Cuernavaca, Morelos, México. Na sua primeira paróquia descobriu o seu principal trabalho no campo da Caridade Cristã. Fundou um orfanato e chamou-lhe "Os nossos Irmãozinhos". Em 14 anos, o Padre Wasson já acolheu para cima de 900 crianças.

O Padre Wasson não recebe nenhuma criança que não seja verdadeiramente pobre, e sem que possa tomar ao seu cuidado todas as crianças dessa família. São animadas a conservar bem vivos os laços fortes de família, e os irmãos e irmãs reúnem-se nos dias de festa e nas férias, pois vivem separados segundo a idade e o sexo. As crianças do Padre Wasson não são adoptadas, são suas, e este é o segredo da sua segurança, a razão pela qual há sempre um zum-zum alegre de vozes felizes nas suas casas. Todos os que têm capacidade seguem o ensino secundário segundo a sua vocação. Depois de educados, cada um dá aos N. I. um ano de trabalho em troca da sua própria educação. O orfanato é sustentado por amigos. Não tem qualquer subsídio do Estado nem da Igreja.

Os N.I. estão distribuídos por três casas. Na Hacienda of Acolman estão mais de 600 rapazes e raparigas, crianças e adolescentes. Têm a sua escola própria e os professores são antigos alunos que voltaram para prestar o seu ano de serviço. Há um Director, Alfredo Provin- cio; um capelão, o Padre Donald Reiman; duas religiosas dominica- nas enfermeiras, e outros voluntários. Os rapazes e raparigas mais velhos vivem em Cuernavaca. Na casa dos rapazes há 247 alunos do ensino secundário e universitário. A escola de ensino secundá- rio e a escola normal dos N.I. ficam também neste mesmo terreno. Esta casa tem igualmente um Director, Roberto Conti, que é um che- fe de família ainda jovem; e um capelão, o Padre William Sisk, OFM. As 90 raparigas mais velhas vivem num bloco afastado e frequentam estas mesmas aulas. São dirigidas por duas RSCM da Califórnia, as Irmãs Wilfrid Steward e Bernadette Underwood.

A obra do Padre Wasson compreende ainda outro aspecto: convida os Bispos do México a enviarem-lhe das suas dioceses bons estudantes que queiram preparar-se para serem professores na sua escola normal. Estes estudantes, "Hóspedes", vivem com os "Pequenos", condição indispensável para que um dia possam vir a ser professores. Também eles dão um ano de serviço ensinando nas escolas dos N.I. ou em aldeias pobres.

Em Julho de 1966, as Irmãs Wilfrid e Bernadette entraram na equipa dos N.I. Trabalharam primeiramente na casa de Acolman, a Norte da cidade do México. Durante esse ano, viveram numa roulotte. O seu trabalho abrangia os aspectos de organização, ensino, supervi- são escolar, enfermagem e cuidados maternais a 250 rapazes e 8 jo- vens professores. No Verão de 1967 foram substituídas por algumas religiosas da Califórnia, para poderem estudar Espanhol, em Cuerna- vaca. No Outono desse mesmo ano passaram a trabalhar com as ra- parigas do ensino secundário e universitário, em Cuernavaca. Este

era o trabalho que logo desde o início tinham em vista. Há um ano e meio que estão a trabalhar com as raparigas. Estas são 90, das quais 54 "Pequenas" e 36 "Hóspedes". O seu trabalho é principalmente o de Mãe, professora e directora. Também dão aulas nas três escolas dos N.I., em Cuernavaca. A Ir. Wilfrid ensina Inglês e a Ir. Bernadette Artes. O futuro destas raparigas está nas suas mãos, no encorajamento e orientação para uma maturidade fonte de felicidade e de êxito.

No Verão de 1968, vieram juntar-se às Irmãs Wilfrid e Bernadette duas Irmãs mexicanas, a Ir. Maria Coronel que é de Cuernavaca e a Ir. Cristine Barranco, natural de Puebla, uma e outra RSCM. Embora sejam estudantes, encarregaram-se de alguns trabalhos de casa e têm sido uma grande ajuda para as raparigas. Estas quatro religiosas pertencem à comunidade de Marymount de Cuernavaca, que fica a uma distância de 10 minutos de carro. Sr. Audrey Rushton é a superiora local dos dois grupos.

escola comunitária

PROVINCIA PORTUGUESA

Educar foi sempre difícil. A história da Pedagogia ilustra bem este esforço de sempre em busca de novos métodos, acompanhando o evoluir característico de quanto é histórico, e portanto do homem, sujeito e objecto da educação.

A "Escola Comunitária" vai-se impondo em nossos dias. A comunidade, encontramos-la teologicamente fundamentada na própria Trindade Divina - Pai, Filho e Espírito Santo - e no desígnio misterioso de nos criar à Sua imagem e semelhança, associando-nos a essa mesma sociedade divina. E nesta orientação para a comunidade encontramos simultaneamente a fundamentação psicológica da mesma "Escola Comunitária".

Numa comunidade, cada membro tem o seu lugar, a sua missão. Importa consciencializar bem esta realidade, e é isso que a "Escola Comunitária" põe em relevo. A educação tem de assentar numa relação pessoal, de pessoa a pessoa. Na comunidade, cada elemento é, ou deve ser, uma pessoa, e as relações entre si têm de ser pessoais, de pessoa a pessoa. Mas a educação não é apanágio dos pedagogos, dos mestres. É uma obra da responsabilidade de todos, em que todos têm de se saber e de se sentir empenhados: o Director, o professor, mas também o contínuo, o porfeiro, todas as pessoas que trabalham na Escola. É preciso que os contactos deixem de ser frios, despersonalizados, para incarnarem toda uma mensagem de formação. Para isso, é preciso que toda a Escola se sinta verdadeiramente comunitária - comunhão de ideais, de interesses e objectivos, de trabalho, de serviço, de espírito. E por isso que a estruturação da Escola Comunitária comporta reuniões, em pequenos grupos, ao nível dos empregados, dos professores, dos Pais, dos alunos, da Direcção. Cada um destes sectores deve organizar-se em pequenos grupos, com um chefe que será o porta-voz desse sector. Os grupos discutem o

problema, ou problemas, implicados na vida da Escola. Estes problemas chegam à Direcção através dos chefes e são tratados em assembleia constituída por membros da Direcção e por Delegados de cada sector, os chefes. A decisão não é exclusivo da Direcção, mas antes o fruto desse ver em comum. Nesta medida é mais rica, mais objectiva, mais eficaz.

Mas a educação deve também inserir-se na História. As relações pessoais têm como substrato a própria realidade histórica, de que não podem alhear-se. Fora deste paralelismo, a educação é impossível porque haverá sempre um desfaseamento entre a pessoa que se quer formar e a realidade concreta, histórica, em que essa mesma pessoa se insere.

Foi nesta ordem de ideias que empreendemos algumas experiências no campo da nossa actividade pedagógica.

Aproveitando o Solar da Torre, em Braga, antiga casa do Noviciado, criou-se ali o ano passado um Lar para estudantes do ensino secundário, este ano frequentado também por algumas alunas da Faculdade de Filosofia. Como se trata de uma casa antiga, as divisões são bastante grandes, mas é muito funcional e a disposição das várias dependências muito contribuiu para o bom resultado da experiência.

As alunas, 27, vivem no Solar como em sua casa. O estilo de vida é inteiramente familiar. Há uma responsável pela ordem geral, outra pelas contas do telefone e uma terceira recebe as mensalidades e vai, de vez em quando, fazer os pagamentos aos fornecedores. Não há qualquer sinal para levantar, começar o estudo ou tomar as refeições. O horário e a distribuição dos deveres, assim como a organização da vida de piedade e o regulamento, tudo foi estudado e estabelecido em comum, religiosas e alunas.

Na capela da casa está sempre o Santíssimo Sacramento, mas raramente há Missa. No entanto, são muitas as que vão diariamente à Missa, fora, e comungam. À noite, há todos os dias uns momentos de reflexão sobre o Evangelho, 15 a 30 minutos, com uma percentagem de presenças entre 60 a 95, e uma participação activa de 95%. O ano passado, fizeram o retiro no Lar e algumas dedicaram-se à Catequese. Formou-se também um núcleo missionário e organizaram-se várias palestras sobre assuntos diversos. Este ano planeou-se uma série de conferências, a partir de 18 de Novembro, sobre temas de Educação, a cargo do Rev. Padre Kalemberg, professor de Pedagogia na Faculdade de Filosofia.

Quando as religiosas precisam de se ausentar, as alunas assumem inteiramente a responsabilidade do Lar e resolvem mesmo qualquer problema que surja.

A par de tantos aspectos positivos, há também inconvenientes, certamente, faltas esporádicas de aproveitamento escolar e um ou outro exagero a princípio, como é natural em qualquer situação de novidade. Mas tudo normaliza ao fim de algum tempo, desde que não se trate de casos anormais como já apareceu um. A experiência tem-se revelado francamente positiva e há valores que merecem mesmo ser realçados:

- grande amizade entre todas
- disponibilidade em ordem ao bem comum
- ausência de crítica destrutiva
- maior capacidade de decisão
- maior sentido de responsabilidade

No Colégio da Covilhã dividiu-se o Internato em grupos de 22 alunas de todas as idades, desde a 1ª classe ao 5º ano. Procura-se que cada classe seja uma família. Nos próprios quartos e na sala de jantar, as alunas formam grupos de seis, verificando-se a mesma

mistura de idades. As mais velhas prestam solícitamente os seus cuidados às mais novas como naturalmente acontece em qualquer ambiente familiar, o que é altamente formativo para umas e outras. Quanto a recreios, criaram-se vários centros de interesse - passeios, jogos de sala e música - que também são abertos às externas.

Moçambique: Em Quelimane, o Colégio que ali dirigíamos foi substituído por um Lar para alunas do ensino secundário, estruturado nos moldes da Escola Comunitária, embora a organização esteja ainda em aperfeiçoamento. Esperamos poder reconhecer brevemente esta experiência como válida e altamente consoladora.

Lisboa: A entrada dos pequeninos da Infantil deu-se, este ano, por três etapas:

1. As crianças que pela primeira vez viriam frequentar o Colégio receberam um cartão-convite, em linguagem infantil, enviado pela Educadora. Eram convidadas a conhecer o seu Colégio, a sua sala, a sua Educadora. Como estas crianças eram muito numerosas, umas visitaram o Colégio de manhã e outras de tarde. Deste modo, a Educadora esteve totalmente disponível não só para receber cada criança como para contactar com cada Mãe. Procurou-se criar uma atmosfera acolhedora, e nas salas tudo estava disposto de modo informal, podendo as crianças mexer à vontade nos objectos.
 2. No dia da abertura da Classe Infantil, apenas estiveram presentes as crianças que já tinham frequentado o Colégio. Estas foram animadas a preparar uma pequena festa de recepção às que viriam pela primeira vez no dia seguinte.
 3. Finalmente, num terceiro dia, a Classe Infantil fica completa. As crianças novas entram no ambiente do seu Colégio e o cuidado da sua formação vai desencadeando novas actividades.
- Assim, no dia 18 de Outubro realizou-se a 1ª reunião de Pais das crianças da Infantil, orientada pela Educadora responsável. Foram

três os principais aspectos que se procuraram desenvolver:

- Noção muito geral do papel de todos os membros na Escola Comunitária, em particular dos Pais.
- Necessidade de Pais Delegados que funcionem como porta-vozes de todos os outros junto da Direcção do Colégio. Necessidade de uma eleição.
- Finalidades dum Jardim Infantil e missão da Educadora de Infância.

Para a eleição dos Pais Delegados fez-se uma reunião prévia com quatro casais que tinham estado presentes na 1.ª reunião geral. Do trabalho desta equipe concluiu-se que para surgirem os Delegados era necessário que os Pais estabelecessem contacto uns com os outros. Convidaram-se, pois, todos os Pais para um jantar, no Colégio, proporcionando-lhes uma ocasião de convívio. Depois do jantar reuniram-se por grupos de seis casais, cujos filhos pertenciam à mesma Educadora. Cada grupo indicou um casal que lhe parecia poder assumir a responsabilidade de Delegado. Num novo encontro, agora só para os Pais sugeridos como possíveis Delegados, foram eleitos os Delegados efectivos.

